

Prólogo

— Tome a primeira pílula uma hora antes da relação sexual!
— a voz do urologista ressoou do fundo do corredor, suficientemente alto para que eu e os vinte e cinco homens que enchiam a sala de espera a ouvíssemos. Estaquei, mortificado por me aperceber de que era assim que o Viagra era receitado!

Neste ponto da minha carreira de três anos como vendedor para uma farmacêutica, já tinha testemunhado numerosas violações da confidencialidade entre médico e paciente. Apesar dos grandes esforços dos médicos para evitá-las, muitas vezes estes davam conselhos à frente de outros pacientes. Se estivessem a falar sobre bronquites ou alergias, não fazia grande diferença, mas até então eu nunca ouvira um médico informar toda a gente que estivesse suficientemente perto para o escutar que, basicamente, «este tipo não consegue endireitá-lo!». O Viagra estava mesmo a enlouquecer as pessoas.

E eu deveria ter visto a insanidade a aproximar-se. Um telefonema do meu pai dois meses antes fornecera todas as provas necessárias.

Durante o meu crescimento, em casa dos meus pais, as conversas sobre sexo eram tão frequentes como as visitas do Papa e decorriam mais ou menos com o mesmo à vontade. O meu pai ansiara tanto

pela nossa conversa sobre os «factos da vida», que a minha mãe finalmente teve de intervir e de me explicar como eram as coisas. Por conseguinte, fui apanhado desprevenido quando ele, durante uma conversa ao telefone em meados de Março de 1998, dias antes de o Viagra receber a aprovação da FDA¹, em tom de brincadeira se referiu a s-e-x-o.

Em Janeiro daquele ano, eu fora promovido, juntamente com outros cento e dezanove delegados de informação médica, para a nova Secção de Urologia da Pfizer, criada especificamente para vender Viagra aos especialistas que mais frequentemente tratavam a disfunção erétil. Aproveitáramos os primeiros dois meses do ano para começar a estabelecer relações com os nossos novos clientes — seria estranho encontrarmo-nos com um médico pela primeira vez e começar imediatamente a discutir o fluxo de sangue ao pénis — e vender os outros três produtos do portfólio da nossa secção. No entanto, os urologistas não queriam ouvir falar dos nossos medicamentos para tratar de próstatas infectadas ou para ajudar os homens a urinar menos frequentemente à noite. Só queriam saber quando a pílula maravilha chegaria ao mercado. Referindo-me a este facto, disse ao meu pai que estava ansioso pela reunião de lançamento do Viagra.

— Tenho a certeza de que as acções da Pfizer vão explodir — disse-me num tom optimista. *Claro, pai.* Assenti com a cabeça ao telefone, como todos os filhos fazem a dada altura quando falam com os seus pais. Se tivesse desligado o telefone logo a seguir, talvez nunca tivéssemos tido «a conversa». Após uma pausa, o meu pai continuou com as estranhas risadinhas forçadas que se me tornariam bastante familiares durante os meses seguintes. — Bem, ah ah, Jamie, quando receberes algumas amostras, que tal enviases umas tantas ao teu velho? Ah ah, ah ah!

O meu pai e eu tivéramos apenas uma conversa sobre sexo que corra bem. Na noite do meu décimo Natal, sentámo-nos no piso

¹ FDA — Food and Drugs Administration — Agência governamental americana que regula e fiscaliza o fabrico e a comercialização de comestíveis, medicamentos e cosméticos. (NT)

de baixo da casa, após o último convidado sair. Sobreposto ao zumbido da máquina de lavar loiça, ouvíamos o som da minha mãe a deslocar-se entre a sala e a cozinha, levantando infundos pratos e copos. O meu pai percorreu a sala com um olhar contemplativo, fez um gesto afirmativo com a cabeça exprimindo satisfação, os olhos vidrados de regozijo natalício e de meia dúzia de copos de uísque. Só nós, pai e filho, desfrutando um momento pós-festa. Nunca teria melhor oportunidade para trazer à baila uma questão que me andava a preocupar há alguns dias. Com uma tosse exagerada, interrompi o silêncio. Mexendo o gelo da sua bebida, olhou para mim, de sobrolho levantado. Ganhando coragem, perguntei-lhe o que aconteceria se o pénis dum homem ficasse preso na vagina duma mulher enquanto estavam a ter relações sexuais. (Para um rapaz de dez anos, era impossível imaginar uma situação mais embaraçosa do que essa.) Ele respondeu, sem hesitar: — Quem te dera teres essa sorte. — Infelizmente, as restantes das nossas conversas sobre sexo não foram memoráveis nem experiências confortáveis para qualquer um de nós. Deste modo, concordámos silenciosamente em não voltar a tê-las.

Ainda assim, aqui estava ele ao telefone a falar acerca de «fazê-lo» com a minha mãe! Pensar nos meus pais a terem relações sexuais — *ainda* tendo relações sexuais com mais de cinquenta anos — dava-me arrepios. Não era ingénuo ao ponto de pensar que nunca as tinham tido. Sabia que sim. Três vezes. E tiveram filhos chamados Jamie, Patrick e Anne-Marie para o comprovar. Preferia ajoelhar-me sobre calhaus do que gracejar com o meu pai acerca das suas relações sexuais. Era preciso fazer alguma coisa para impedir que esta conversa voltasse a acontecer.

— Sabes, pai — comecei, enquanto ele continuava às risadinhas com a ridícula ideia de precisar de Viagra. — Isto é tão estranho.

— O quê?

— Bem, a mãe ligou-me há dois meses e pediu-me que te enviasse amostras de Viagra.

Ao silêncio estarecedor seguiu-se uma súbita mudança de tema. Missão cumprida.

Todavia, quando o Viagra deu origem às nossas primeiras referências à copulação em quinze anos, deveria ter-me apercebido de que a pilulazinha azul da Pfizer iria mudar o mundo. Dois meses depois, de pé, naquele consultório de urologia, tive um vislumbre da vida d.V. — a vida depois do Viagra.

— *Tome a primeira pílula uma hora antes da relação sexual!*

Momentos antes, enquanto abria caminho com dificuldade em direcção ao balcão da recepção, confirmara mentalmente que era de facto sexta-feira. Tal como os vendedores das empresas farmacêuticas, os pacientes tentavam evitar ter consultas médicas na última tarde da semana de trabalho. Afinal, quem queria começar o fim-de-semana no médico? Na Primavera de 1998, *bastantes* homens marcavam consultas com os seus urologistas numa sexta-feira ou em qualquer outro dia que conseguissem. A seguir à aprovação do Viagra pela FDA, os urologistas, tal como as siderurgias na Segunda Guerra Mundial, poderiam ter estado abertos vinte e quatro horas por dia e, ainda assim, não conseguirem fazer face à procura.

Neste consultório em particular, tinha estado a cavaquear com alguns membros do pessoal através da janela da recepção, quando ouvimos a voz do urologista subir de tom gradualmente até se tornar num grito. Esperava que uma das enfermeiras voltasse a correr para o gabinete, para descobrir o que se passava. Em vez disso, elas entreolharam-se como quem está por dentro da situação e desataram a rir. Quando o médico alardeou a posologia do Viagra, empalideci ao pensar que toda a gente na sala de espera saberia agora que aquele homem precisava de Viagra. Eu mal tinha consciência de que o tipo não tinha razão para ficar envergonhado.

— Se isso não funcionar esta noite, amanhã tome duas pílulas!
— Um minuto depois, a porta abriu-se e o médico caminhou com passos largos na nossa direcção. Tirou os óculos, esfregou a cana do nariz e abanou a cabeça com um sorriso largo. Passado pouco tempo, a porta abriu-se outra vez e ter-se-ia fechado não fosse algo tê-la mantido aberta. Quase caí para o lado quando vi o que era.

As extremidades das pernas de alumínio apareceram primeiro. O resto do andarilho acabou por juntar-se a elas, mas o homem que o usava demorou mais um bocado a entrar totalmente no nosso

campo de visão. No entanto, eu não podia julgar o tipo: não deveria ser fácil usar um andarilho e puxar uma botija de oxigénio ao mesmo tempo. Tinha pelo menos setenta anos, mas os tubos pendendo das suas narinas davam-lhe um ar mais velho. *Este tipo vai tomar Viagra?*

Lendo a minha mente, o urologista assegurou-me que aquele paciente era um sério candidato ao medicamento. — Eu sei que ele parece estar a dez minutos da morgue — disse, no que possivelmente era uma sobre-avaliação da aparência do seu paciente. — Mas na verdade está em boa forma. Não tem problemas nenhuns de coração e não precisa do oxigénio, é mais psicológico do que outra coisa.

Observámos o homem a «caminhar» até à sala de espera, produzindo um sobressalto nos outros pacientes. Os pensamentos deles eram unanimemente transparentes: há esperança para todos nós.

Virei-me para o pessoal do consultório, pedindo uma explicação de como um homem tão velho poderia ainda ter relações sexuais, de como poderia ainda desejar ter sexo. — Toda a gente o deseja — observou uma enfermeira com um encolher de ombros. E uma pilulazinha azul poderia ajudar as pessoas a consegui-lo.

Estar de pé e boquiaberto num consultório de urologia apinhado de gente era uma circunstância invulgar para me envolver em orações, mas efectivamente rezei: — Deus, por favor deixa-me ter relações sexuais depois dos setenta. — Enquanto atravessava o parque de estacionamento, ri-me deste estranho lugar aonde tinha chegado na vida. Tive de me perguntar a mim mesmo: *como raio vim parar aqui?*